



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

MARIA CRISTINA ROSA

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E- 499

Entrevistada: Maria Cristina Rosa

Nascimento: não informado

Local da entrevista: Cemef – UFMG - Belo Horizonte

Entrevistadora: Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 20/11/2014

Transcrição: Luiza Loy Bertoli Pereira

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 44 minutos e 52 segundos

Páginas Digitadas: 17 páginas

Observações:

A entrevistada realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Christiane Garcia Macedo intitulado *Centros de Memória da Educação Física e dos Esportes nas Universidades Federais*.

| |
|---|
| <p>O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.</p> |
|---|

Sumário

Início do envolvimento com o Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer, da Universidade Federal de Minas Gerais (Cemef); Atividades praticadas no Cemef; Financiadora de Estudos e Pesquisas (FINEP); Projetos Desenvolvidos; Envolvimento com a Rede de Museus da UFMG; Centros envolvidos nas pesquisas; Cotidiano do Cemef; Caracterização do Cemef; Atividades de extensão e pesquisas; Aportes teóricos; Metodologia; Definição do Cemef; O papel do Cemef.

Belo Horizonte, 20 de Novembro de 2014. Entrevista com Maria Cristina Rosa a cargo da pesquisadora Christiane Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Então professora, primeiro, muito obrigado por conceder essa entrevista. Desculpe por atrapalhar sua rotina de trabalho. E eu queria que você começasse contando como você se envolveu com o Cemef ¹?

M.R. – Muito bem. Bom dia. Não é incomodo nenhum, não está atrapalhando. Agradeço pelo convite. O meu envolvimento com o Cemef, ele foi em 2005. Eu já conhecia o pessoal daqui, o Tarcísio², a Meily³... O Tarcísio já tinha ido a alguns cursos em Ouro Preto⁴, onde eu trabalhava. Mas ele fez parte da minha banca de Doutorado, em agosto de 2005 eu defendi e a partir do trabalho, ele fez o convite para eu poder participar. Eu morava aqui em Belo Horizonte, mas trabalhava em Ouro Preto. Deve ter sido em Outubro, mais ou menos, de 2005, que eu comecei o envolvimento com o Cemef. O que eu fazia? Já tinha regularidade das reuniões do Cemef acontecerem às sextas-feiras e eu tirei esse dia para poder vim trabalhar aqui em Belo Horizonte, mesmo indo para Ouro Preto, com a autorização da Federal, eu vinha e participava. E nesse momento, o Cemef era em outra localidade, era em uma sala menor, lá em cima, e eles estavam em uma tentativa inicial de organização do acervo. Foi nesse momento que eu entrei e nesse momento, era essa a situação. Não tinha muito..., o Cemef é de 2001. Eles estavam mais recolhendo material. O que aconteceu? Eu comecei a vir, vir nas reuniões, participava das reuniões de estudo, pesquisa e comecei a me envolver com as atividades. Eu não sei se você já quer que eu fale das atividades...

C.M. – Pode. Era a próxima pergunta. Que atividades que você tem feito desde então?

M.R. – É que assim, eu não estou aqui direto. Eu estou de 2005, final de 2005, eu fiquei até o final de 2009, que eu fiquei direto no Cemef. Nessa primeira etapa eu participava das

¹ Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

² Tarcísio Mauro Vago.

³ Meily Assbú Linhales.

⁴ Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) em Minas Gerais.

reuniões e das ações, mas eu trabalhei, especialmente, com o acervo... Eu fiquei responsável pela coleção que a gente chamava de Coleção de Ex-Professores, a primeira organização do acervo, que hoje já não é mais, já não tem esse nome. Tinha lá algumas prateleiras com as doações do professor Herbert⁵, da professora Nella⁶ e de outros professores, e estava só o material lá. Eu trabalhei junto com dois bolsistas que foi a Luciana⁷, que hoje está no doutorado com a Meily e com o Luciano⁸, que se formou em educação física, e a gente trabalhou na organização desse material. O que aconteceu? A gente não tinha experiência nenhuma, eu comecei a buscar muita coisa da arquivística, descobri uma coleção “Como Fazer”⁹, baixamos o material todo e a partir daí a gente estudou, descobriu o que era quadro de arranjo, tudo sem a ajuda de ninguém. Fizemos um estudo e eu trabalhei, especificamente, com essa coleção, a Meily com outra coleção, a gente fez uma primeira organização. Mais especificamente da Coleção dos Ex-Professores, a gente pegava cada material para tentar identificar e fizemos uma separação mesmo, uma higienização inicial desse material que foi só varredura, a gente não fez mais nada, que era o que a gente tinha condições na época, porque, inclusive, o material continuou nessa salinha. O material não saiu, a gente deu a primeira organizada no material, mas nada com muita técnica. E fizemos esse primeiro quadro de arranjo com uma descrição inicial, a gente olhou como que era, como se descrevia uma coleção, colocando as características, estudamos os tipos de documentos que tinham, as informações e fizemos uma primeira organização, colocando os *códices*¹⁰ nos documentos, ficou até bom, mas amador. A gente não tinha ainda o que teve depois, que aí eu já não estava aqui, que foi a ajuda do Adalson¹¹, que é da arquivologia. Aí que teve outro movimento de pensar em um novo quadro de arranjo do Cemef, mas nesse segundo momento, eu não estava mais. Mas assim, a gente publicou, inclusive, foi o primeiro catálogo do Cemef, o primeiro inventário mesmo que a gente fez como instrumento de pesquisa¹² que foi importantíssimo, porque a gente não tinha nada, se alguém chegasse no Cemef, não tinha como saber o que tinha e a gente também não sabia. A não ser, por exemplo, o Tarcísio que conhecia muito. Ficava

⁵ Herbert de Almeida Dutra.

⁶ Nella Testa Taranto.

⁷ Luciana Bicalho da Cunha.

⁸ Luciano Jorge de Jesus.

⁹ Coleção publicada pela Divisão de Arquivo do Estado de São Paulo.

¹⁰ Números de identificação dos documentos.

¹¹ Adalson de Oliveira Nascimento.

¹² ROSA, M. C.; LINHALES, M. A (orgs). Guia defontes: acervo do Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer. Belo Horizonte, 2007. 203 p.

muito no pessoal, essa primeira organização deu visibilidade e possibilidade do pesquisador olhar e também mais pessoas começaram a ver o que tinha dentro do Cemef. Mesmo assim os bolsistas que trabalharam, já que a gente trabalhou com várias equipes, isso foi bom também, porque a gente começou a ver uns temas também para pesquisa, que a gente poderia explorar o acervo e, logo em seguida e paralelo a essa organização, a gente teve dois projetos: um pela Rede CEDES¹³ que financiou o projeto sobre Memória das Ruas de Recreio, a gente trabalhou as ruas de recreio, peteca e futebol de salão, o nome do projeto é “Vou te contar uma História”¹⁴, mais ou menos depois te passo o nome certinho. E aí nós ficamos com esses três eixos: eu trabalhei especificamente com o eixo das ruas de recreio, já com outros bolsistas, era o Guilherme¹⁵ que me ajudava, o Guilherme agora defendeu o mestrado, que trabalhou comigo diretamente, e a gente foi trabalhar nesse projeto que tinha como ponto principal a história oral e consultando também o acervo do Cemef. A gente já tinha visto várias coisas na Coleção dos Professores, principalmente do Barbosinha¹⁶, que é um professor importante na área da recreação, e de outros também, o Herbert tinha alguma coisa, e outros professores. Participei desse projeto, coordenando esse projeto junto com a Meily, eu não lembro a data¹⁷ direitinho, agora eu não vou lembrar, mas depois eu posso olhar. E também nesse momento teve o projeto de catalogação de fontes sobre a história do corpo, que é um projeto que quem coordenou foi o Tarcísio e a Andréia¹⁸, e nesse projeto a equipe inteira do Cemef trabalhou. Então era um momento que a gente tinha muitos bolsistas, eram os dois que coordenavam, o objetivo do projeto, que é um projeto que foi financiado pela FINEP¹⁹, era montar um banco de dados sobre história do corpo em Belo Horizonte. Pegamos o final do século XIX e início do XX e dividimos alguns bolsistas por arquivo, alguns foram para o Arquivo da Cidade, outros para a Coleção Linhares²⁰ aqui dentro da universidade, outros para a APM²¹ e a gente coordenava esse trabalho. Esse eu participei e contribuí não muito efetivamente, mas, por exemplo, não tinha uma função específica, eu ajudava, por exemplo, na organização das fichas de coleta de dados, tudo era muito dividido, mas eu não tinha uma função específica

¹³ Centro de Desenvolvimento do Esporte Recreativo e do Lazer.

¹⁴ “Eu vou te contar uma história... Memórias de Esportes e Ruas de Recreio (1940-1970)”.

¹⁵ Guilherme de Souza Lima Oliveira.

¹⁶ Odilon Ferraz Barbosa.

¹⁷ Período de realização do projeto: junho de 2008 a outubro de 2009.

¹⁸ Projeto A educação do corpo nos espaços de sociabilidade do urbano.

¹⁹ Financiadora de Estudos e Pesquisas.

²⁰ Joaquim Nabuco Linhares.

²¹ Arquivo Público Mineiro.

de coordenação igual eu tive na outra tanto na questão da catalogação, quanto no projeto “Vou te contar uma história...”. Mas parte bem efetivamente desse momento que foi o projeto que a gente conseguiu a verba para a construção do prédio que a gente está agora.

C.M. – Que é o FINEP?

M.R. – É. Até quando inaugurou esse prédio, eu já não estava mais indo ao Cemef, porque como eu trabalhava em Ouro Preto e morava aqui, eu decidi ir embora para Ouro Preto. Eu fui no final de 2008 para Ouro Preto, ainda vim em 2009, mas era muito na contramão, de vir, me deslocar, sendo que lá em Ouro Preto, agora, a gente já tinha um curso de Educação Física e aí começou a demandar muita coisa. Eu avaliei, não estava fazendo bem feito, só vinha me dedicando ao que precisava. Em 2009 eu parei de vir ao Cemef. Embora, nesse meio tempo, eu sempre estava vindo participar dos seminários²² que têm, e também trazendo sempre os alunos da Federal de Ouro Preto, da disciplina de história, para fazer visita técnica. Eu não perdi o contato, mas não era o mesmo tipo de participação. De uma maneira geral, era isso. Agora, dezembro do ano passado eu vim para cá, para a universidade, e a partir de fevereiro... Eu tomei posse em dezembro, estava de férias em janeiro, a partir de fevereiro eu retornei, voltei e assim, eu vim pela redistribuição, e foi até um convite porque eles achavam que o meu perfil, a vaga era para área de história, que o meu perfil era interessante para o grupo, principalmente porque eu já tinha tido uma experiência de organização de acervo, e gosto desse tipo de trabalho. Eu vim, por enquanto eu não estou trabalhando no acervo especificamente, eu já queria ter mexido, a ideia era ter reorganizado a Coleção História Oral, que a gente tem o material dessa pesquisa do “Vou te contar uma história...” e depois também teve outro projeto que continuou, a segunda versão²³. Eu já não participei da segunda versão, porque eu fui para Ouro Preto, aí eu falei “não adianta”. Mas tem esse material e eu estou nessa função, eu queria até ter começado esse segundo semestre, mas eu não comecei. Então a proposta é o ano que vem, com o projeto de extensão, eu vou ter um bolsista para trabalhar junto comigo, e eu vou retomar o trabalho no acervo. Mas esse ano eu fiquei mais na parte da coordenação administrativa mesmo, que a gente está tentando organizar... A estrutura que você está vendo hoje, por

²² Seminário do Cemef, realizado inicialmente anualmente e atualmente de dois em dois anos.

²³ Projeto Coleção História Oral: memória de esportes e ruas de recreio (1940-1980).

exemplo, de ter a Luciene²⁴ lá na secretaria, isso é novo aqui, foi esse ano. O movimento que a gente fez de tirar o que ficava aqui na sala de acervo, um lugar inclusive ruim, porque tem um cheiro forte, na organização do acervo e passar para ter alguém na linha de frente para poder receber as pessoas. Essa parte administrativa, agora, por exemplo, o site está parado, então agora em dezembro eu vou trabalhar..., a perspectiva da gente é no início do ano que vem, em fevereiro, é a gente já ter um site novo e um site que funcione. Eu estou nessa parte mais de organização para melhorar a estrutura do Centro e vou voltar para organização do acervo também, que eu gosto. É por aí, esse ano até, o que acontece, eu estou mais na administrativa, até porque estou chegando, estou conhecendo e muita coisa ao mesmo tempo, foi um ano mais para teoricamente me situar, porque eu já conhecia um monte de coisas, mas até para organizar como vai ser esse retorno de Cristina para o Centro de Memória. Mais ou menos por aí.

C.M. – Bom. Já falou dos projetos, dos financiamentos. Como tem sido a relação com a rede de museus²⁵ da UFMG²⁶?

M.R. – Só te falar em relação ao projeto ainda, tem um projeto que eu trouxe de Ouro Preto, um projeto de pesquisa, que eu desenvolvia lá. Mas o projeto não está vinculado ao acervo do Cemef, que é um projeto da “História da saúde e da doença no século XVIII”²⁷, mas eu continuo desenvolvendo esse projeto aqui, hoje eu estou com uma bolsista da educação física e com um bolsista do curso de medicina, que ainda é de Ouro Preto, eu quis continuar com a mesma bolsista, que é um projeto que eu continuo desenvolvendo.

C.M. – Que são os livros, que você apresentou no seminário?

M.R. – Não, aquele material que eu apresentei no seminário é a partir das visitas técnicas que eu fazia na biblioteca lá de Ouro Preto, o que acontecia, a gente começou a catalogar, eu e a outra bibliotecária, a gente começou a descobrir o potencial do acervo, é outra coisa. No caso, esse projeto de pesquisa, eu trabalho com fontes manuscritas, principalmente manuscritas de arquivos de Ouro Preto. Eu trabalho com inventários, agora vou trabalhar

²⁴ Luciene Carvalho.

²⁵ Rede de Museus e Espaços de Ciência e Cultura da UFMG.

²⁶ Universidade Federal de Minas Gerais.

²⁷ Projeto História das doenças na comarca de Vila Rica (1707-1808).

com assento de óbito, trabalho com devassas, são outras fontes. E também as impressas são os materiais de medicina que eu trabalho. Eu só estou falando, porque é um projeto que eu estou desenvolvendo e para o próximo ano eu vou retomar, já estou com o projeto aprovado também com bolsista, que é o projeto sobre a “história das ruas de recreio”, vou alargar um pouco o período... para eu começar, inclusive, pesquisar de novo no acervo do Cemef. Eu vou ampliar, não só do Cemef, mas foi o primeiro movimento que eu fiz depois que eu voltei de tentar também a trabalhar com o acervo do Cemef. Isso é importante, porque, por exemplo, quando eu saí em 2009, de 2009 até agora houve outro movimento aqui dentro do Cemef que foi de organizar o fundo institucional. Eles fizeram outra organização do acervo, receberam uma documentação importante da escola²⁸, que a Meily com certeza te falou, e eu até não tenho muita propriedade para falar porque eu não trabalhei nessa organização. Eles fizeram vários mutirões, eu vim em um só, de muitos que eles fizeram. É uma massa documental que tem hoje no Cemef, eu conheço muito pouco. Até esse movimento, de eu conhecer melhor, esse ano foi bom que vários cursos que a gente deu, palestras que a Meily também fez, porque é uma documentação que eu ainda não mexi. Eu estou começando a conhecer, para eu ter domínio. Eu preferi fazer um projeto das “ruas de recreio” que eu sei que tem potencial, até eu ter mais contato de novo com esse novo acervo, porque o acervo ampliou muito. Em relação à Rede de Museus que você perguntou, eu vim esse ano e era o Tarcísio que representava o centro de memória lá na Rede de Museus, mas como o Tarcísio estava no movimento de aproximação na reitoria, eu estou substituindo o Tarcísio, hoje eu que represento o Cemef na Rede. A gente tem ido às reuniões, é uma reunião mensal onde que a gente encontra... Eu fui, no fundo eu fui a três, ou quatro, reuniões. Até mesmo porque às vezes coincide com as reuniões do Cemef. Mas a Rede é uma rede, não sei há quanto tempo que existe, mas é uma rede que ainda precisa de muita estruturação, tem muita boa vontade. Inclusive a Rede mudou de lugar agora, está com funcionário novo, parece que agora vai dar uma guinada, mas a Rede não é um lugar muito bem organizado, eu falo isso porque é um lugar que a gente precisa contribuir muito. Mas é importante, porque as reuniões têm sido circulantes, a gente conhece os diferentes centros, e a aproximação com os outros coordenadores dos outros centros também é importante. Atualmente a gente recebe uma verba da Rede, anual. O que eles fazem? Eles recebem uma verba que vem da UFMG, mesmo, para a Rede, acho que dez por cento fica para a organização, e o restante é dividido igualmente para todos os

²⁸ Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.

centros que não têm verba externa. Esse ano nós recebemos oito mil e seiscentos reais, é muito pouco, mas ajuda. Inclusive, por exemplo, esse ano a gente usou o dinheiro para pagar a arquivista que está trabalhando, a Thaís²⁹. A gente tem essa ajuda da Rede de Museus, mas outro projeto que estamos envolvidos lá, hoje tem um projeto de pesquisa que chama “Circuito das Vocações” que é um projeto que a Rede fez, pediu financiamento para o CNPq... esse projeto será feito nesse ano e no próximo ano. Esse ano está sendo só a organização, no ano que vem vai ser a realização. Acho que são quatro centros que estão envolvidos, são todos da área da saúde: farmácia, odonto³⁰, a gente e mais um que deve ser lá da...

C.M. – Medicina?

M.R. – A medicina está. Eu acho que são esses quatro. Onde os alunos do nono ano do ensino fundamental, eles vão fazer visitas. Vão vir a UFMG e vão fazer visitas orientadas a esses quatro lugares e a gente está organizando. A gente vai montar jogos, vai ser um desafio. Não vai ser uma exposição igual agora a que a gente fez no seminário, mas é um lugar que eles vão vir e tentar montar um jogo, inclusive que vai envolver os diferentes centros que eles vão para ter alguma coisa em comum. Isso que a gente está participando na Rede, a gente participa dos eventos que têm e quando a gente organiza algum evento a Rede é apoiadora também. Inclusive o combinado é sempre a gente colocar a Rede como apoiadora, para a Rede pegar mais... É porque assim, ela também não é muito conhecida, a gente precisa dar mais visibilidade para a Rede de Museus. Mas eu acho que é um lugar super bacana para a gente, onde a gente tem contato com o pessoal da museologia, o pessoal do... Como chama esse pessoal do conhecimento?

C.M. – Espaço do Conhecimento³¹?

M.R. – Espaço do Conhecimento, que é o pessoal que faz muita coisa, que tem uma ação muito interessante dentro da Universidade. Eu acho que são pessoas interessantes e a gente troca muita ideia nas reuniões, além de falar das dificuldades que são comuns, mas tem muita possibilidade. A gente, inclusive, vê que o nosso centro de memória é um dos mais

²⁹ Thaís Nodare de Oliveira.

³⁰ Odontologia.

organizados, o acervo da gente... Muita gente está tendo dificuldades de começar a organizar, embora a gente tenha uma característica específica também, que é essa coisa da gente trabalhar com a pesquisa e organização do acervo. A gente tem essa característica aqui. Eu acho que é por aí.

C.M. – E como é o dia a dia de trabalho aqui?

M.R. – O dia a dia? Como você sabe, tem que ser uma coisa de cada vez. A gente está, no momento, na Universidade, que a Escola está organizando o organograma institucional. Então, por exemplo, o centro de memória, ele precisa, inclusive, ter mais reconhecimento dentro da Escola de Educação Física. A gente está discutindo, aqui nesse organograma, a que ele vai estar vinculado. A gente está em um processo, ele vai ficar direto a diretoria? Ou ele vai ficar próximo à biblioteca? Depois se você quiser, tem uma proposta inicial que eles fizeram, inclusive, a gente ficou muito em dúvida no que seria melhor para a gente. Inclusive até para a gente poder pedir funcionário, questão de verba, a gente tentar ter uma verba que não dependa só da Rede, porque a gente está em uma condição, até boa, mas é muito precária, é mínima, porque hoje a gente não recebe verba nenhuma da Escola, para nada, se não tivermos a verba da Rede, a gente vive de verbas dos projetos de professores. A maioria das coisas que estão aqui, inclusive o próprio Centro, o próprio prédio, vem de um projeto de algum professor, depende muito individualmente, ele está ainda..., institucionalmente ele precisa ser melhorado. E a gente está em um momento de discussão sobre isso, que é a discussão que quem demandou mesmo foi a diretoria da Escola. Estou te falando isso, porque o dia a dia, temos tentado, eu nessa parte, principalmente, administrativa, a gente tem tentado resolver essas questões, sendo que a gente precisa, por exemplo, no próximo ano, a gente precisa de planejamento. Eu cheguei aqui, estou resolvendo as coisas que vão surgindo e que demandam, eu ainda não tive tempo de ter uma coisa planejada. A gente precisa aqui no dia a dia criar metas que, por exemplo, uma coisa que eu acho importantíssima: até a hora que você me mostrou os dados lá de publicação³², eu achei que vocês lá do CEME³³ tivessem muito mais do que a gente, é até próximo se você for ver. Aqueles dados nos surpreenderam. Mas vocês lá no CEME dão

³¹ O Espaço do Conhecimento é um museu voltado para a Ciência e Tecnologia da UFMG.

³² Professora faz referência à apresentação de um trabalho da entrevistadora no Seminário do Cemef, 2014.

³³ Centro de Memória do Esporte - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

visibilidade no que vocês fazem. A gente aqui não dá nenhuma, você entendeu? Estou falando, porque uma meta é a gente, por exemplo, ter uma linha de publicação. A gente ter como meta porque temos ótimas ideias, a Meily é ótima para essas coisas, ela sempre tem ideias interessantíssimas também, mas a gente não tem um planejamento. O dia a dia é de vir para cá, a gente estabelece horários, caso a orientação para os bolsistas, eu tenho participado um pouco das conversas com os bolsistas de extensão, porque trabalham no acervo, mas como eu não estou diretamente no acervo, eu mais ajudo, eles estão na responsabilidade da Meily. E eu tenho resolvido as demandas de organização mesmo. Mas igual, eu acho que tem coisas interessantes, por exemplo, organização de site, políticas de publicação, visibilidade do Centro... Mesmo que a gente resolva as coisas do dia a dia que vão surgindo, precisamos ter um planejamento melhor, para ter metas, inclusive para o final do ano, a gente saber o que a gente conseguiu ou não. Como tudo é muito novo para mim, eu tenho aprendido. A gente não fazia nada através do Cemef, uma coisa que eu consegui depois que eu vim é registrar a nossa funcionária, que é uma coisa simples, mas que para a gente já fez diferença. Para ela ser autorizada a fazer compra, e o Cemef ser reconhecido lá na organização de compra da Universidade, e a gente poder diretamente ser um órgão dentro da universidade, que pode fazer isso. A gente dependia o tempo inteiro do Departamento de Educação Física, que é onde os professores que estão aqui se vinculam. Era estranho, porque às vezes a gente fazia um pedido simples para poder consertar um programa no computador, por exemplo, eu fazia com a bolsista aqui, a bolsista passava para a secretária do Departamento de Educação Física, a secretária da Educação Física pedia para computação, a computação respondia para a secretária do departamento, para vim para cá, você está entendendo? É uma coisa que eu não sabia, quando eu comecei, eu não sabia. No dia, a secretária do Departamento, falou: “Cristina...” aí me explicou a lógica. A gente conseguiu já credenciar o Cemef, para poder fazer essas coisas diretas. São coisas simples, que parecem bobas, mas que estão dando mais autonomia para gente. Esse ano tem sido resolver as coisas que o Tarcísio e a Meily identificaram como mais frágeis e a proposta é a gente montar um planejamento para o próximo ano. Entre as aulas, a gente está aqui, praticamente a maioria dos dias da semana e, aqui também, a gente atende os alunos de iniciação³⁴, as orientações são aqui também. Igual, por exemplo, o seminário, que a gente organizou, a gente envolve os alunos mesmos de iniciação científica são envolvidos, todo mundo trabalha, porque é importante para a formação deles. As reuniões

³⁴ Iniciação científica.

no semestre passado eram de quinze em quinze dias, esse semestre a gente retomou para ser toda a semana, a gente vai avaliar no final do semestre se vai manter ou não, eu estou achando que não vai manter, porque as pessoas estão com muitas demandas e elas ficam com pouco tempo, inclusive para trabalhar com os projetos, os projetos de pesquisa. A gente vai pensar, eu ainda não conversei com a Meily sobre isso, mas alguns professores já me falaram que acham mais interessante voltar para aqueles quinze dias. Agora na reunião de avaliação, a gente vai ver, porque isso vai alterar também a rotina. Como que acontecia: era uma reunião do grupo todo na sexta e, na outra sexta, era a reunião dos grupos de pesquisa com os orientadores, ou seja, as pessoas continuavam trabalhando mais em grupos separados, que é o que eu acho que vai voltar. Se passar essa avaliação aí, não sei se deu para entender.

C.M. – Sim. O Cemef ele é uma estância, um departamento dentro da escola, ele ainda é um projeto? Como é que a escola, na verdade, entende o Cemef?

M.R. – Quando o Cemef foi instituído em 2001, o Tarcísio falou que foi aprovado na congregação, é a informação que eu tenho. A gente agora, nessa conversa de novo sobre a organização do organograma da Escola, procurou no Departamento essa ata com essa informação e, até onde eu tenho notícias, não encontrou. A gente precisa encontrar, porque isso é importante, quando que foi institucionalizado. Mas eu não sei te dizer, já teve reunião da congregação, que é onde esse tema foi discutido e a gente não tem aceno, não têm representantes, eu ainda não conversei com o chefe de Departamento, não sei o que ficou decidido, mas na proposta inicial o Cemef aparece ligado à diretoria³⁵ junto com a biblioteca da Escola, ou próximo, e aos laboratórios. O que acontece? Os professores, na reunião em que a gente discutiu em nível de Departamento, falavam que o Cemef parece um grupo de estudo, não sabem se é um arquivo, para eles não está muito claro, embora para a gente esteja muito claro. Inclusive a gente precisa esclarecer melhor. Não é um departamento, como os professores estão ligados ao Departamento de Educação Física da Escola, porque a Escola tem o Departamento de Educação Física e tem o de Esportes. Eu, o Tarcísio e a Meily somos do Departamento de Educação Física, muitas vezes se entendia que o Cemef estaria ligado ao Departamento, mas não é, porque tem a documentação da Escola e não tem documentação só de um Departamento. Esse entendimento eles

conseguiram e a Escola já entendeu isso, mas na proposta do organograma ele estaria aqui no mesmo âmbito da biblioteca e dos laboratórios de pesquisa. Está meio confuso o organograma, pelo menos a proposta até onde eu vi. Não é um departamento, é um Centro de Memória mesmo, mas essa vinculação é que está sendo discutida. Não sei se ficou claro, mas é que está tão confuso mesmo, até na Escola também está assim. Inclusive, uma pergunta dos professores do Departamento na reunião era como eram os outros Centros, em outras Universidades e como eram os outros Centros aqui na UFMG e eu não sabia responder, eu cheguei esse ano e eu não tenho essa informação...

C.M. – Você tem conseguido integrar as suas atividades de ensino enquanto professora com as atividades do Cemef? De, por exemplo, trazer alunos, ou que seus alunos contribuam com o Cemef, ou o Cemef colaborando em alguma coisa com as disciplinas?

M.R. – Eu vim agora, eu já trazia os meus alunos de Ouro Preto para cá. O semestre passado eu não fiz, quando eu estava chegando, mas esse semestre eu já fiz a visita ao Cemef com os alunos. A gente organiza uma apresentação, onde a gente apresenta a estruturação do acervo, faz uma exposição que eles veem algum material, ou os aparelhos que a gente tem. A gente faz uma aula aqui no Cemef que é bem interessante que mostra a sala de acervo para eles, apresenta mesmo o local. E dentro da disciplina, a gente faz alguns seminários sobre história do esporte, história da ginástica, que a gente recomenda a consulta ao acervo. Mas ainda tem sido uma coisa difícil, pois como eu ainda não conheço muito bem o acervo, eu preciso melhorar. A gente faz uma separação inicial, mas a gente tenta dar um pouco de autonomia também para os alunos, para eles aprenderem sobre o processo de busca, às vezes eles chegam aqui, se eles não chegam com algo muito bem sistematizado, eles acabam parando na secretaria do Centro, porque a gente precisa qualificar quem está na secretaria para poder atender. Às vezes temos bolsistas que estão aqui há muitos anos e que conhecem bem, mas quando chega e o bolsista não está aqui, por exemplo, daí algumas vezes não desenvolve. Eu tenho tido essa dificuldade, e é uma reclamação do aluno de chegar aqui e ele não conseguir ter acesso ao material que ele quer. Mas isso são coisas que estamos melhorando, mas a relação é essa de consulta e eu acho que isso vai se potencializar com o meu conhecimento maior também do acervo, eu acho que isso vai se dar no tratamento, eu participando mais dessa organização do acervo. O

³⁵ Diretoria da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

seminário também a gente leva os alunos, por exemplo, vai ter o Curso do Francisco³⁶, tem aluno fazendo a disciplina de história... eu tenho como hábito divulgar as ações, as coisas que a gente faz e não são muitos os alunos, como é comum, a área de história não é atrativo igual à fisiologia, porque o aluno, eles vêm com uma expectativa que não é essa, que muitas vezes ele nem imagina que vai ter, mas a gente consegue despertar alguns alunos para poder vir. No projeto de pesquisa que vai iniciar agora aqui, em março, sobre as ruas de lazer, as ruas de recreio, já tem uma aluna que foi minha aluna da filosofia, que eu trouxe. A gente vai fazendo esse movimento de trazer os alunos para uma bolsa de iniciação ou de extensão e de ter aulas aqui dentro também. A gente tinha dificuldades que agora a gente diminuiu também, porque é muito claro aqui... No semestre passado eu dei várias aulas, que eu acho que é legal os alunos virem para cá, o espaço é bom, mas é muito claro para a gente usar o *Power point*³⁷, dificultou. Por exemplo, semestre passado os seminários³⁸ de ginástica e esportes foram realizados aqui, inclusive uma das recomendações do seminário é utilizar fontes do Centro de Memória. Esse semestre eu já não fiz, porque a qualidade não ficou boa. Agora a gente pediu para comprarem uma cortina, vamos ver se vai resolver, porque eu acho que é importante a gente trazer mais alunos para cá. Localmente falando, a gente não está muito visível, a gente está muito escondido... Essa porta tinha que ser para outro lugar, mas não tem jeito, porque é muito escondidinho, eu acho muito escondido o Centro de Memória. Até para trazer... para os alunos conhecerem mais. Mas é esse o movimento que a gente tem feito.

C.M. – E as atividades de extensão, o que vocês têm conseguido fazer aqui?

M.R. – De extensão, eu ainda não estou participando efetivamente, porque a extensão aqui tem sido a organização do acervo, trabalhar desde a higienização. Eles estavam fechando a organização do índice do fundo institucional, eu participei de algumas reuniões, mas para eu começar a conhecer mais, mas eu não estou envolvida. No próximo ano que eu vou, junto com a Meily, estar na sub-coordenação do projeto de organização do acervo, aí que eu vou trabalhar com as coisas. Especificamente, a meta inicial é com a História Oral, mas

³⁶ Mini Curso “A imprensa enquanto objecto e fonte de investigação – olhares a partir do desporto e do lazer em Portugal” do Professor Francisco Pinheiro, da Universidade de Coimbra, que ocorreu nos dias 17 a 19 de novembro de 2014.

³⁷ Programa para apresentação de slides.

esse ano, efetivamente, eu não estou envolvida com a extensão, não. Embora eu esteja em contato com os meninos o tempo inteiro, não é algo que eu desconheço. A extensão está com a Meily e com o Adalson, está sendo assim, quando eles falam de acervo, eu participo, mas eu estou participando, porque eu quero me situar melhor. Eu até dou opinião, participo efetivamente, não estou lá só escutando não, mas não tenho essa responsabilidade e nenhum envolvimento oficial com a extensão dentro do CEMEF hoje não, mas já estou com um projeto para o próximo ano.

C.M. – Agora sobre as produções. Com que temática tem trabalhado nas pesquisas?

M.R. – Eu tenho trabalhado nos últimos anos com a temática sobre a história do corpo que eu estou estudando a doença e a saúde lá no século XVIII. Eu tenho publicado e participado mais nesse tema. A gente tem artigo para ser publicado, está aprovado, por exemplo, sobre o corpo e a medicina no século XVIII, inclusive é uma entrevista que a gente fez com um professor, professor Jean Abreu³⁹. Eventos, nessa área têm eventos sobre a história mesmo, igual agora eu fui a um evento internacional em Goiás, agora a bolsista foi para a história cultural lá em São Paulo, o evento de história da ciência e tecnologia da UFMG a gente participou. Sempre participando em grupos de trabalho, que é a história da saúde e da doença, igual foi aqui nesse evento da UFMG sobre história da ciência e tecnologia, a gente participou desse GT⁴⁰. Lá, por exemplo, no de história cultural, que foi na mesma data que o seminário daqui, a gente participou de um GT que era sobre o corpo e doença e essa discussão da história cultural, eu gostei demais da temática, eu nunca vi o corpo sendo objeto de um GT vinculado à saúde e à doença especificamente. A gente tem participado nesse âmbito, a gente tem participado de muitos eventos por aí, publica, precisamos melhorar a publicação em artigo nessa área, mas essa tem sido uma área específica. Eu andei trabalhando com a história do esporte no início do século XX, estudando um clube⁴¹ aqui de Minas⁴² e a gente vai retomar porque tem um banco de dados muito bom, vou retomar agora com os meus bolsistas porque a gente precisa publicar e esse clube foi formado especificamente por médicos. Tinham professores, engenheiros,

³⁸ Seminários da disciplina de História e Educação Física dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física.

³⁹ Jean Luiz Neves Abreu.

⁴⁰ Grupo de Trabalho.

⁴¹ Club de Sports Hygienicos.

mas foram os médicos que fundaram. Então a temática da saúde está aí de novo. E a outra área que eu tenho publicado é na área dos estudos do lazer, porque eu tenho o vínculo por causa do mestrado e agora eu estou na pós⁴³ também aqui dos estudos do lazer, então eu publico nessa área também. Então, são essas três áreas específicas que eu tenho. Eu fiz algumas pesquisas voltadas para espaços de lazer em Ouro Preto, eu publiquei e vou publicar ainda, porque a gente coleta dados demais, preciso explorar mais os bancos de dados que a gente tem. E também andei publicando, ainda em Ouro Preto, sobre os projetos dos novos talentos que foi uma publicação vinculada mais a questão da cultura, que eu coordenei, corpo e movimento que era o nome do subprojeto, mas eu estava no eixo corpo e cultura e a Juliana⁴⁴ no eixo danças folclóricas. A gente publicou bastante coisa desse trabalho que era de extensão lá em Ouro Preto. É por aí que eu tenho ido...

C.M. – Com qual aporte teórico você tem trabalhado?

M.R. – Nos trabalhos sobre o corpo, doença e saúde, eu tenho trabalhado muito com o pessoal da história da ciência, com os estudiosos da historiografia mesmo. No âmbito do lazer, são os tradicionais mesmos do lazer. Eu trabalhei muito com a parte espaço e equipamentos, eu mobilizei os autores mais conhecidos dessa área, é uma área que tem muita produção, até se a gente for ver, mas é uma produção que nos remete aos teóricos da década de 1980, o Requiza⁴⁵, entre outros. Embora tenha autores como Marcellino⁴⁶, Sérgio⁴⁷ e outros que já falaram outras coisas, mas sempre com um referencial na década de 1980, o referencial ainda é lá. Dentro do referencial da saúde, eu não sei te dizer especificamente, porque eu trabalhei com uma menina que é da área da epidemiologia, eu busquei autores que normalmente eu não tenho um domínio muito forte, mas a gente tem buscado inclusive autores para tentar conceituar a questão da saúde, o conceito. Lá no século XVIII, com os estudos, a gente estuda dentro da história da saúde o Fleck⁴⁸, o próprio Jean Abreu, trabalhamos com historiadores que trabalham especificamente com a temática das Minas, já que a gente estuda a história da doença em Minas Gerais, na

⁴² Minas Gerais.

⁴³ Pós-Graduação.

⁴⁴ Juliana Castro Bergamini.

⁴⁵ Renato Antônio Quadros de Souza Requiza.

⁴⁶ Nelson Carvalho Marcellino.

⁴⁷ Sérgio Stucchi.

⁴⁸ Ludwik Fleck.

comarca de Vila Rica. Tem vários autores, a Júnia Furtado⁴⁹, o Marco Antônio Silveira, que são autores muito específicos das Minas setecentistas. Se for olhar os livros, os últimos livros que a gente comprou, são muitos livros de história da medicina, tem a Carla Starling⁵⁰, tem a própria Betânia⁵¹ da FAFICH⁵², que são autores mais vinculados à história mesmo, que não são muito conhecidos na educação física. Mas é por aí, não sei se...

C.M. – E as metodologias? Você tem olhado mais para os documentos, para periódicos, tem trabalhado com história oral?

M.R. – É. Eu tenho trabalhado ainda muito com as fontes manuscritas lá de Ouro Preto, igual eu estou te falando. A última fonte que eu decidi trabalhar foi o assento de óbito, que eu nunca tinha trabalhado. Eu ainda estou trabalhando muito com fonte tanto eclesiástica, quanto cartorial. No trabalho com esse clube, que foi sobre do século XX, a gente trabalhou só com jornal e revista. Foi uma primeira experiência, eu nunca tinha trabalhado com esse tipo de documentação, mas eu gosto de trabalhar no arquivo. Então é por aí que eu tenho caminhado.

C.M. – Como você define o Cemef?

M.R. – O Cemef é um lugar... A gente é um arquivo, eu acho que é o mais forte, arquivo e o trabalho de pesquisa, embora, a gente tenha esse trabalho com características de museu, que a gente faz as exposições, é um espaço aberto. Mas para mim é um lugar super bacana que possibilita a gente a trabalhar com pesquisa historiográfica, é um lugar muito bom de fazer isso. Pensando na Educação Física e no corpo, eu tenho que aproximar mais a educação física, igual esse trabalho da história do esporte, foi onde eu aproximei mais. Eu gosto muito da temática da saúde e do corpo, mas às vezes eu fico até um pouco distanciada da educação física em si, embora eu vá trabalhar depois com esses manuais, pensando que já aparece o movimento... com a indicação dos exercícios. Esse é um trabalho que eu ainda vou fazer depois. Eu acho que o Cemef é um espaço que ainda

⁴⁹ Júnia Ferreira Furtado.

⁵⁰ Carla Berenice Starling de Almeida.

⁵¹ Betânia Gonçalves Figueiredo.

⁵² Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

precisa crescer muito, precisa mostrar mais para a Universidade quem a gente é, mostrar para os próprios colegas, precisa dar mais visibilidade, mas é um lugar com muito potencial de receber mais acervo, de receber mais pesquisadores. Mas eu acho que é isso, trabalho de acervo e pesquisa ao mesmo tempo, eu acho que é isso que caracteriza o Cemef. E até mesmo pelas características dos professores que estão aqui, que fundaram o Centro e os que chegaram depois.

C.M. – E qual o papel do Cemef na sua trajetória?

M.R. – O Cemef é importantíssimo. Igual eu falei, foi depois do doutorado. Eu no mestrado, que eu fiz o mestrado no lazer, quem me orientou foi a Heloisa Bruhns⁵³, e estudei o corpo na festa, o corpo novamente está aí... que eu gosto muito. Eu gostava muito dos trabalhos da Carminha⁵⁴ e durante o mestrado, que não tinha nada de historiográfico, metodologia. Eu já fui adquirindo livros, eu tinha uma paixão que eu queria ainda poder exercer. Com o doutorado, eu tive aproximação com o Tarcísio, na banca, e eu vejo o Cemef como algo assim. Acho que deu, inclusive, uma possibilidade de guinada na minha carreira, eu estou em um lugar hoje muito qualificado, e é um lugar que o ambiente muito bom, eu não tem nada a reclamar, não que a gente não tenha impasse nenhum, é lógico que têm problemas, mas que são resolvidos com muito respeito, com muita tranquilidade. Eu vejo que o Cemef faz uma diferença muito grande. E eu vim esse ano, oficialmente, mas o Cemef me ajudou inclusive a alavancar os estudos que eu desenvolvi nos últimos anos, mesmo eu não estando aqui. Por exemplo, foi aqui que eu aprendi a tentar uma verba no edital, a gente não sai do mestrado sabendo nada disso, mesmo do doutorado. Então foi aqui que eu aprendi, inclusive, de financiamento, a tentar ser coordenadora de projeto. O Cemef tem uma importância muito grande na minha formação e na formação dos alunos que eu tenho trabalhado.

C.M. – Tem mais alguma que você gostaria de registrar?

M.R. – O Cemef é um desafio. A gente trabalha muito aqui, o tempo inteiro. Você viu aqui, é lógico que você pegou um momento de maior intensidade, por causa do seminário.

⁵³ Heloisa Turini Bruhns.

⁵⁴ Carmem Lúcia Soares.

Mas a gente trabalha muito, mas é um desafio que a gente gosta muito, então eu acho que a tentativa da gente é fortalecer e deixar o Cemef para os que vão vir, para ele ficar mesmo. É isso.

C.M. – Então tá. Muito obrigada!

[FINAL DA ENTREVISTA]